

Pós-graduação Gestos de Escrita como Prática de Risco

Tópicos de Estudo

Origens e Ancestralidades da escrita

Quando olhamos para as narrativas acerca do que chamamos de civilização, podemos nos dar conta de que a escrita não foi inventada. Foi praticada. E são muitas práticas distintas. Escrever não abarca um conceito e um sistema único, linear. Trata-se de uma composição entre narrativas, gestos, soluções de suportes, instrumentos, língua, lugar e as necessidades de interação locais. Iremos percorrer essa reflexão por meio de encontros entre o passado e o futuro da escrita a partir do livro-referência “O Mundo da Escrita”, de Martin Puchner (2019) e suas relações com as artes visuais, caligrafia, design gráfico, performance e estudos do corpo. Conversaremos a partir das relações entre escrita e desenho. Escrita e povos antigos. Caligrafias. Tipografia. Edição.

Fundamentos acerca do gesto e da escrita

Nem todo movimento do corpo humano é um gesto. Porém, há movimentos humanos que não se encaixam na economia das vontades e nos fins. A esses movimentos podemos chamar de gesto, como nos disse Agamben. O gesto articula uma liberdade do movimento. Mas não é um movimento totalmente livre, como se isso existisse. O gesto seria o movimento no qual a liberdade se exprime de alguma maneira, disse Vilém Flusser. Nesse módulo vamos abordar a escrita como experiência, cujo caminho vai se dando enquanto se escreve. Isso é o mais difícil de suportar. Não podemos prever a escrita antes, é paralisante querer domar o fluxo que se cria entre nossos sentidos, o corpo, o papel, os dedos e os instrumentos que escolhemos para riscar uma superfície (sim, a escrita nasce também do encontro-embate com a matéria). A escrita realiza o pensamento, disse Flusser. Ou seja, antes de começarmos a escrever, não temos nada ordenado. Para ele, o pensamento é apenas um mingau de palavras. Só ao escrevermos vamos realizando-o. A escrita não é a tradução do pensamento como comumente pensamos e até dizemos: “eu sei o que quero escrever, só não consigo colocar no papel”. Enganamo-nos. É só voltando-se para o ato da escrita que “vamos saber” o que escrever e, segundo ele, aí vamos pensar. Antes disso, esse pensamento não passa de um palpite, de uma palpitação. Desejamos afirmar que a escrita caminha em parceria com a oralidade. A escrita não congela a memória nem nem alivia o cérebro de sua tarefa de armazenamento (tal como no mito egípcio do deus Toth), nem possui soberania e poder sobre o falado. Podemos pensar numa escrita próxima do hálito da fala? Podemos pensar numa fala próxima do gesto da escrita? Podemos também pensar em uma amorosidade entre a leitura e a escrita? Ler com o lápis na mão, escrever levantando a cabeça?

Escrita-experiência

Chamada por Barthes de escritura, por Maria Gabriela Llansol de textualidade, por Anaïs Nin de escrita poética, por Lúcia Castello Branco de uma capacidade de erotizar o discurso, de escrever com o corpo e que, segundo Leila Perrone Moisés, exige do leitor uma “leitura exigente”, ou, simplesmente, segundo Deleuze, provoca em nós um tipo de eletricidade, iremos conversar e trabalhar a escrita como prática de risco partindo do pressuposto que cada um nós “tem o que dizer” por meio da escrita, e este dizer é marcado pelo nosso compromisso ético e estético de dizer a partir do nosso próprio corpo. Para isso, para nos entregarmos a esse fluxo que quer deixar que as coisas se contem (sejam elas quais forem) é preciso abrir a pretensão de significar, de dar sentido para o que se escreve e compreender o sentido como uma direção. Para onde esse texto está me levando? Mais do que querer saber: o que ele significa? Está atingindo minhas expectativas? Sim, os sentidos vão se criando ao meio da escrita, a língua se abre ao acaso da própria língua, quando suspendemos o sentido acostumado. Iremos percorrer autores que pensaram a escrita para além da língua do poder, os chamados pós estruturalistas (Foucault, Barthes, Deleuze, Blanchot, Julia Kristeva, Hélène Cixous dentre outros) e escreveremos a partir de experiências de escrita como práticas de risco, como nos convoca Glória Anzandù.

Escritas de Si

Esse eixo vai abordar a escrita de si e suas dobras a partir da obra de Michel Foucault que fez a pergunta: o que é um autor? Realizaremos um percurso desde a antiguidade clássica retomando o cuidado de si, estudando as práticas dos hypomnematas (cadernos com exercícios de acompanhamento de si), chegando nas possibilidades de criação de narrativas de cada um de nós, considerando a escrita de si como uma (re) escrita de si, no que ela tem de risco, de performance, de invenção, de mentira, de anedota, de composição. Por uma ética e estética da existência em construção, como uma obra aberta.

Algumas referências: Escrivência, de Conceição Evaristo, A escrita de Si como performance, de Diana Klinger, Carolina Maria de Jesus, Livro: Ô fim do cem fim, de Paulo Marques de Oliveira.

Arriscar-se à Escrita e à Educação

A intimidade entre esses dois lugares, a educação e a escrita, se dará aqui por meio da palavra texto. A aposta é a de que a educação pode ganhar muito com a escrita, e vice-versa. A etimologia da palavra “texto” tem sua raiz na palavra latina *texere*, que significa tecer. Segundo o dicionário, TECER significa “tramar, entrelaçar, fazer algo através da justaposição de fios” (CUNHA, 1986, p. 759). Considerando essa acepção, o texto escrito e oral pode ser concebido como uma composição, um tecido de sentidos. Elaborar um texto é tecê-lo com as palavras, tramá-lo, uni-lo, tal como num tecido os fios se entrelaçam, numa rede de acontecimentos discursivos. O que o professor tem a ensinar ao escritor? O que o escritor tem a ensinar ao professor?

Jorge Larrosa e Carlos Skliar no livro “Entre pedagogía y literatura” (2005, p. 27) afirmam que ainda não sabemos qual seria esse texto em que a Pedagogia e a Literatura estariam manchadas mutuamente, ou seja, qual seria esse outro modo de dizer, mas podemos afirmar que já sabemos o que ele não é, ou seja, não significa um texto pedagógico, que se utiliza da literatura para deixá-lo mais poético, e não se trata de um texto literário utilizado com finalidades pedagógicas ou morais. Trata-se, então, de uma escritura da experiência pedagógica. Estaremos, nesse módulo, pensando com Jorge Larrosa, Carlos Skliar, Maria Gabriela Llansol e Roland Barthes. Conversaremos sobre ensino da escrita com educadores que não separam o “ser professor” do “ser escritor” e atuam em espaços formais e não formais de educação.

Ensaio e Escrita Acadêmica

Para pensar o ensaio como um lugar da escrita acadêmica, estaremos em diálogo com epistemologias da complexidade, perspectivistas e decoloniais. Queremos nos aproximar do ensaio no quanto ele possui de desvio e direcionamento, digressão e precisão, de borda e centralidade, de fluxo e ponto. Ou seja, um pensamento que se assume como ele se mostra: um pensamento que se experimenta.

Gestos, topografias e materialidades da escrita

Produzimos notações cotidianamente. São traços, linhas, riscos, espaçamentos, quebras, rasuras, setas, sulcos, desvios de rotas que também abrem caminhos de sentido. Esse módulo irá dialogar com as práticas de escrita e os diferentes modos e possibilidades de suportes e ferramentas. Teremos partilhas de processos de criação com artistas que atuam com a palavra escrita, realizaremos oficinas práticas e teóricas buscando os gestos do desenho, da sobreposição, da caligrafia, da tipografia, da escrita à mão, da construção de cadernos, do bordado, da monotipia, da máquina de escrever, do corpo, da voz como um convite a escutar a fricção entre as palavras, o corpo, as superfícies e as ferramentas.

Acompanhamento de projetos

Tendo um projeto prévio de escrita ou não, aqui o participante será convidado a acompanhar-se em seus próprios caminhos de criação, sendo lido e relido também pelos colegas da turma, ensaiando trajetos a serem percorridos. Ao longo dos encontros o grupo será estimulado a experimentar diferentes modos de escrita por meio de exercícios de criação, colagens, roubos, cópias, reescritas a ponto de cada um poder eleger em qual textualidade sua escrita se move mais. Ao final do curso, o participante terá um conjunto de textos que poderá ou não se configurar como seu trabalho de conclusão do percurso vivido.